



## NOTA BIOGRÁFICA

Eufrazio Filipe Garcês José tem um relevante currículo a nível cívico e político.

No seu percurso político inscrevem-se actividades como a participação no 1º Congresso Republicano de Aveiro e na Comissão Nacional de Auxílio às Famílias dos Presos Políticos. Exerceu, como eleito, o cargo de Presidente da Câmara do Seixal de 1974 a 1998. Foi também Presidente da Associação de Municípios do Distrito de Setúbal, Vice – Presidente da Junta Metropolitana da Área Metropolitana de Lisboa, de Vice – Presidente da Associação de Municípios ZLAN (Zona Livre de Armas Nucleares), Vice – Presidente da Associação Nacional dos Municípios Portugueses, Presidente da Assembleia Municipal do Seixal e Presidente da Região de Turismo da Costa Azul.

Colaborou em várias publicações periódicas: República (Lisboa), A Opinião (Porto), Notícias da Amadora (Amadora), Jornal do Centro (Coimbra), Independência d'Águeda (Águeda), Libertação (Aveiro). Foi director da revista Movimento Cultural, da Associação de Municípios do Distrito de Setúbal.

Em 1976 iniciou a publicação da sua obra poética com o livro Poemas para quem quiser, a que se seguiram A secular barca do Zé (1978), A linguagem dos espelhos (1982), Espelho das viagens (1982), Vagarosos instantes (1984), Mar arável (1988), A profanação das metáforas (1994) e A inocência dos Murais (2003), tendo estas suas obras merecido referências em diversos jornais e revistas, particularmente na Colóquio Letras. Eufrazio Filipe está ainda representado em várias colectâneas de poesia e Que fizeste das nossas flores (2008) é a edição mais recente do seu trabalho poético, cujo lançamento ocorre na Biblioteca Municipal do Seixal. Este é um espaço emblemático para este evento, quer pela sua associação à divulgação da escrita, quer pelo facto de ter sido inaugurado durante a sua presidência, ao qual retorna na sua dimensão de poeta, sendo com maior gosto que o acolhemos na próxima sessão de Conversas com a Escrita.

## Obras Editadas

Poemas Para Quem Quiser  
(Poesia, 1969/75 edição do autor, 1976)

Mar Arável  
(Poesia, Livros Horizonte, 1988)

A Secular Barca do Zé  
(Contos, Plátano Editora, 1978)

A Profanação das Metáforas  
(Poesia, Outra Banda, 1994)

A Linguagem dos Espelhos  
(Poesia, Livros Horizonte, 1982)

A Inocência dos Murais  
(Estuário Publicações, 2003)

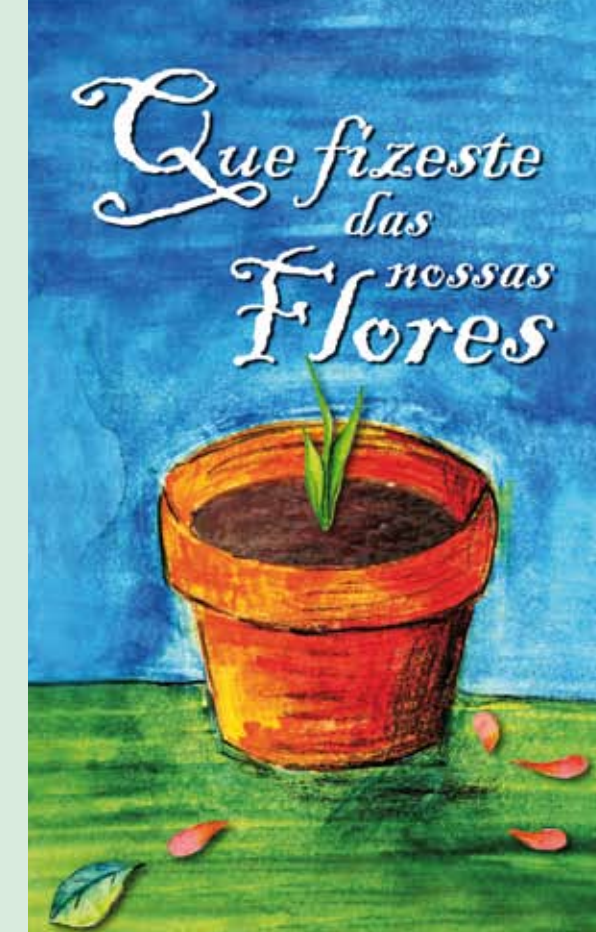
Espelho das Viagens  
(Romance, Plátano Editora, 1982)

Que Fizeste das Nossas Flores  
(Papiro Editora, 2008)

agamentos Instantes  
(Poesia, Barca Nova Editor, 1984)

24.10.2008©

CONVERSAS  
COM A  
Escrita



BIBLIOTECA MUNICIPAL - FÓRUM CULTURAL DO SEIXAL

7 DE NOVEMBRO 2008 - 18.30 HORAS

## QUE FIZESTE DAS NOSSAS FLORES EUFRÁZIO FILIPE

LANÇAMENTO DO LIVRO

Eufrázio Filipe

## Que Fizeste das Nossas Flores

As árvores viajam  
na sombra do verde  
um sussurro de folhas  
e tu foges dos ramos  
amanheces tão distante  
que nem os meus olhos  
descobrem os teus gestos  
As árvores viajam  
onde acontece a cor do fruto  
no chão  
e os pássaros sem amos  
deixam que a sombra  
se rebente  
Meu povo  
que fizeste das nossas flores?

## O REENCONTRO COM A PAIXÃO DAS PALAVRAS

Conheci Eufrázio Filipe como poeta antes de o conhecer como autarca e combatente cívico. A poesia sempre esteve presente na sua vida, mesmo quando ele, por imperativos da sua actividade pública, a considerou adormecida ou mesmo irremediavelmente adiada. Na verdade, como alguém disse um dia, se há coisa de que um poeta nunca consegue curar-se é da poesia, da necessidade de a escrever, de a ler, de a sentir e de viver com ela e para ela.

O grande poeta francês René Char escreveu algures que a poesia é sempre fruto de um estado da crise. A crise dos poetas tem as mais diversas dimensões e configurações, mesmo quando eles não se dão conta da sua existência. São crises íntimas, profundas, quase sempre paradoxais, que encontram na expressão poética sua via catártica e o modo de se transformarem em expressão estética. Casos há em que a crise conduz à escrita e outros em que a silencia, momentânea ou definitivamente.

Eufrázio Filipe, para usar um conceito caro ao filósofo e sociólogo Edgar Morin, nunca tendo renunciado ao “estado poético”, viveu durante mais de três décadas sobretudo no “estado prosaico”, que é aquele que se caracteriza por um uso da linguagem no qual não há lugar para o registo simbólico e mítico. Com efeito, neste registo, encontra-se ausente o lado mais cantante e límpido das palavras que o uso quotidiano abastarda, obscurece e empobrece. Nesta nova colectânea de poemas, com o feliz título “Que Fizeste das Nossas Flores”, Eufrázio Filipe retoma a dimensão poética da sua existência, voltando a nomear tudo aquilo que lhe tocou a sensibilidade e a memória como os poetas podem e devem fazer, buscando as palavras que lhe vêm do coração e do âmago da memória afectiva.

Estamos em presença de um poeta que como poeta se reassume e que leu muitos poetas, nunca deixando de procurar a sua voz própria, o seu timbre pessoal e intransmissível. “As viagens viajam/na sombra do verde/um sussurro de folhas/e tu foges dos ramos/(...) amanheces tão distante/que nem os meus olhos descobrem os teus gestos”, escreve o poeta, unindo os elementos do mundo natural com os do universo afectivo, como de resto acontece, abundantemente, ao longo do livro. E em “Papoila na Neblina” diz: “Vens nos passos/folha ante folha/para não acordares os pássaros/tens gestos em todo

o corpo/ e a nossa fala coincide/ nas palavras indizíveis/vens no vento/com perfume de temporais/e partes nas mesmas asas/(...)És assim/delicada frágil silvestre/papoila de neblina”.

Em “Que Fizeste das Nossas Flores”, Eufrázio Filipe vai tecendo um lirismo de suaves referências afectivas, que se alimenta de uma luminosidade tão marcante nos universos poéticos de Sophia de Mello Breyner ou de Eugénio de Andrade, e fá-lo com a paixão de quem reencontrou uma voz própria para voltar a dizer o que o tempo e a vida tornaram inadiável.

Escreveu o Nobel espanhol Juan Ramón Jiménez que “a literatura é um estado de cultura e a poesia um estado de graça”. Eufrázio Filipe reencontrou-se nesse estado de graça que é o que permite dizer indizível enquanto os materiais da memória vivida ganham espaço e respiração própria no texto.

O poeta, retomando o fio de um trabalho criativo que pela primeira vez se deu a ver em 1976 com “Poemas para Quem Quiser”, revisitou lugares, sensações, palavras amadas, emoções e lembranças com uma acentuada economia de meios e com uma contenção digna de registo, fazendo de “Que Fizeste das Nossas Flores” o livro de um reencontro com o dizer poético e um pacto com o que ainda fica por dizer e que deverá ter, forçosamente, a forma de poesia.

*José Jorge Letria*